

Angélica Vier Munhoz
Cristiano Bedin da Costa
Sergio Andrés Lulkin
(Organizadores)

PORQUE ESPERAMOS
[notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]

1º Edição

Porto Alegre
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Zona de Investigações Poéticas

2020

#I

- edições autonomaz - -

Organização: Cristiano Bedin da Costa, Angélica Vier Munhoz e Sergio Andrés Lulkin

Montagem: Cristiano Bedin da Costa

Todas as notas foram escritas entre os meses de abril, maio e junho de 2020, durante período de isolamento social relativo ao novo coronavírus. A responsabilidade pela revisão e pelo conteúdo dos textos é dos autores e das autoras. A ordem de apresentação corresponde à de envio.

Zona de Investigações Poéticas

autonomaz@ufrgs.br

www.facebook.com/autonomaz

www.instagram.com/autonomaz



Este texto é disponibilizado nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P837

Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus] / Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Sergio Andrés Lulkin (organizadores) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2020.
100 p.

ISBN 978-65-86232-26-4

1. Formação de professores I. Munhoz, Angélica Vier II. Costa, Cristiano Bedin da III. Lulkin, Sergio Andrés IV. Título.

CDU: 371.13

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

E SE O ISOLAMENTO DURASSE A VIDA INTEIRA?

Nilton Mullet Pereira

Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
nilton.mullet@ufrgs.br

Parte 01 - Anunciação (imaginação e vida inteira)

Outro dia me pus a imaginar sobre o que seria de nós se o isolamento durasse a vida inteira. Nenhuma conclusão, mas muitas inquietações.

Parte 02 - Imaginação

Imaginar é uma faculdade acalentadora. Ela nos eleva o espírito. Cuidado, apressado, elevar o espírito não consiste em sair do próprio corpo, como se este fosse “a prisão da alma”. Ao contrário, não vai aqui nenhuma separação entre corpo e espírito. Logo, elevar-se significa abandonar, por hora, o verbo copular (que diz você “é” isto ou aquilo) que determina nossa incômoda situação no presente do tempo. Elevar-se é, aqui, uma espécie de abandono da atualidade das coisas, sair de Cronos e jogar-se nos braços de Aion. Enfim, como Nietzsche, me parece que o “corpo é uma grande razão”, uma “multiplicidade” e o espírito “um pequeno instrumento e brinquedo” dessa grande razão. “Eu sou todo corpo e nada além disso”, dizia o Zaratustra.

Imaginar, portanto, está mais próximo do sonho do que da vigília. Sem imaginação não conseguiríamos nem escrever sobre o passado, nem sonhar com o futuro. Digamos, portanto, que a imaginação nos restabelece o tempo tal como ele é, em sua sinuosa continuidade; em sua perturbadora duração; em sua labiríntica e incapturável passagem e fluidez. Assim, temos, de uma só vez, passado, presente e futuro, indiscerníveis. E, assim, podemos inventar o passado e experimentar o futuro, como no corte infinito de Aion.

Enfim, imaginar é sim uma faculdade acalentadora, pois ela nos permite supor que a Vida não se reduz à mesa a partir de onde escrevo e vejo os dias passarem, sempre em um aparente perpétuo isolamento (drama, obviamente, só possível para poucos privilegiados).

Parte 03 - A vida inteira

A vida inteira é a eternidade. E essa eternidade que é a vida inteira não consiste num valor transcendental (refiro-me aqui ao transcendental kantiano, obviamente), só acessível aos bons de espírito e aos não pecadores, como se fosse um lugar fora do tempo e da história. A vida inteira que é a eternidade é o próprio Tempo. E é imanente a todos os nossos modos de existência historicamente identificáveis. A eternidade não é distante, é próxima e íntima. É a força indeterminada que constitui algo como uma essência do que chamamos de corpo. Então, a eternidade não é distante da extensão do presente, mas lhe é imanente, lhe envolve como potência que faz agir, devir e criar.

Bem, essas foram as explicações iniciais. Volto à pergunta: e se o isolamento durasse a vida inteira?

Parte 04 - Perturbação

A duração do isolamento é imprevisível. Mas, não se trata de supor que sua imprevisibilidade está no fato de o vírus deixar de agir e de podermos todos voltar ao sabor dos nossos encontros.

Quem garante que após voltarem nossas habituais atividades sociais, o isolamento não continue a nos perturbar?

Se é possível imaginar isso e, para muitos, sentir tal perturbação, quer dizer que sim, a duração do isolamento é imprevisível.

Nossa inteligência que recorta, analisa e para o tempo, é incapaz de garantir o fim do nosso confinamento ou, sobretudo, de garantir que nunca mais estejamos sozinhos.

É porque o corpo é essa “grande razão” que, mesmo ao lado de milhares de pessoas num show do Zeca Pagodinho, poderemos nos sentir isolados e sós.

O isolamento é uma experiência e uma experiência é sempre do absoluto do corpo, não apenas de sua extensão no presente do tempo. O isolamento é uma duração. Como duração ela é o próprio tempo nos dizendo que sua eternidade é força que cruza nossa existência, que por vezes, nos leva a agir de um modo ou de outro.

O amante se isola das relações sociais para reter, pela eternidade, o tempo da sua tristeza pela perda de sua amada. Os monges franciscanos se isolavam do conforto de suas casas para viver, ainda isolados, entre os pobres; os escritores se isolam, por vezes, para se purificar dos clichês, e se inspirar para escrever grandes romances.

Há quem se isole apenas no sonho, donde anda sozinho por uma extensa mesa cheia de doces e salgados das melhores cepas, uma vez que a vigília lhe reserva a luta diária pelo pão e a asfixia de um presente (de fome e de medo) que nunca passa.

Ora, o isolamento não pode durar a vida inteira e, ao mesmo tempo, pode. Isolar não é um verbo que indica algo no presente, mas na eternidade do Tempo. Ele é um acontecimento que nos envolve virtualmente, nos fazendo ver pelo Cristal do tempo, onde o que é atual e o que é virtual trocam farpas.

Esse isolamento social relativo à Pandemia do Coronavírus é apenas uma efetuação possível desse acontecimento (isolar) e, certamente, não irá durar a vida inteira. Porque, depois dele, o acontecimento de isolar continuará a ser uma bruma que, vez por outra, se efetuará em uma individualidade na atualidade do nosso presente.

Quem sabe não sejamos nós, novamente, a sermos um ponto material de efetuação desse acontecimento?

SOBRE MONSTROS, DEUSES E PARAQUEDAS COLORIDOS

Édio Raniere

Docente no Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel
edioraniere@gmail.com

I

...01h35: já pela quinta madrugada a cena se repete. Marcela acorda assustada, chorando pede pelo papai. Eu me levanto, vou até o quarto dela. "Papai está aqui, querida, papai está aqui". Ao lado da cabeceira, a cadeira de balanço, onde me sento e continuo tentando acalmá-la: "papai está aqui; está tudo bem, já está tudo bem". Em absoluto silêncio ela adormece nos poucos segundos de cafuné que a ponta dos meus dedos espalha por seus cabelos. Volto para o meu quarto, tento dormir. 02h55: mais uma vez; a mesma sequência se repete em 03h47. Até que, em 04h58:

- Papai está aqui, querida. Está tudo bem...
- Estou com medo, papai...
- Medo do que, meu amor?
- É aquele monstro de novo, ele queria me pegar...
- Foi apenas um sonho, pequenina...está tudo bem...

Mesmo sem conseguir dormir mantenho a rotina, as 8h30 arrumo a mesa para o café da manhã. Manteiga, pão, doce de leite, granola e iogurte. Marcela sempre come uma fruta. Lilian está na reta final da sua pesquisa de doutorado em artes visuais. Depois do petit déjeuner rumo ao escritório. Enquanto lavo a louça, talvez pelo sono que acumulei em várias noites mal dormidas me ocorre pedir para Marcela desenhar os monstros. Ela adora a brincadeira. Desenha e pinta duas terríveis criaturas. Uma vez finalizada expõe orgulhosa sua obra aos olhos de mamãe Lili. Juntos, decidimos então, chutar, amassar, fazer careta, pisotear, pular em cima, gritar fora daqui monstro horrível e por fim atear fogo cantando monstro babaca. Muitas gargalhadas depois ela me diz:

- Papai, isso foi muito legal. Acho que esses monstros nunca mais vão me incomodar...
- Assim espero, meu amor....
- Mas e se aparecerem outros?
- Não vai aparecer mais nenhum monstro.
- Como você sabe, papai?
- É que o papai vai fazer um filtro dos sonhos para você...

II

Por que inventamos o deus? Porque sentimos medo. Ao desenhar nas paredes da caverna de Lascaux, ao cultivar florestas de araucária numa América Latina pré-colombiana - nós, os jardineiros das florestas -, ou ainda ao participar de uma aventura no deserto que, mesmo sem saber, se tornaria mundialmente famosa, sentimos medo. A mesma coisa continua acontecendo nas cidades, grandes ou pequenas, que habitamos atualmente.

Mas medo do que, minha filha? Em a Origem da Tragédia, Nietzsche conta que certa vez o sábio Sileno fora inquerido pelo rei Midas:

-Eu sou o rei, posso ter qualquer coisa. Quero que você me diga, grande sábio: qual é a melhor coisa da vida?

Para não responder à pergunta, Sileno foge, mas logo é capturado pelas milícias do rei e coagido a falar.

- Raça maldita e efêmera, por que me obrigar a dizer aquilo que não queres ouvir? Pois bem, a melhor coisa da vida você não podes obter, mesmo sendo rei. Pois a melhor coisa da vida é não ter nascido, não existir. Contudo, a segunda melhor coisa, sim você pode conseguir, que é morrer logo.

A partir dessa pequena história Nietzsche expõe um insuportável, uma verdade difícil demais, algo que de certa forma sabemos, mas que tentamos a todo custo evitar trazer a consciência:

- 1) A vida é finita e sem sentido natural
- 2) Enquanto estivermos vivos iremos sofrer
- 3) Ao término de nossas existências a única recompensa é a morte

Como suportar essa verdade? Como suportar esse caos? Como lidar com esse trágico: o sem sentido sobre o qual se assenta a existência humana? Uma saída bastante popular e muito apreciada ainda nos dias de hoje: inventar o deus. Mas para que? O que pode o deus diante o medo? Que tipo de poder ele teria para nos ajudar a enfrentar uma verdade com a qual não queremos nos haver? O deus é aquele que detém o poder de imunizar. Ele é a primeira vacina e modelo (platônico) de todas as demais. O germe de toda biopolítica. A alma do medicamento que tomamos em busca de cura sempre que estamos gripados.

III

Em "Aprendendo com o Vírus", Paul Preciado retoma a análise de Roberto Espósito sobre a relação entre imunidade e comunidade. Ambas compartilham a mesma raiz - *múnus* - que em latim significa o tributo que alguém deveria pagar para viver ou fazer parte de uma comunidade. Enquanto a comunidade é *cum múnus* - grupo humano religado por uma lei, por uma obrigação, por uma oferenda, ou presente - a imunidade seria *in múnus*: negação do *múnus*. No direito romano a *inmunitas* era uma dispensa ou privilégio que isentava alguém dos deveres societários comuns a todos. Aquele que foi ausentado era, portanto, imune. Contudo, a imunidade seria possível à toda comunidade? Haveria um modo de imunizar a todos diante a morte? Na segunda dissertação de "Genealogia da Moral" Nietzsche nos fala de uma espécie de comunidade imune. O deus os havia escolhido, eles se pensavam especiais, diferente de todas as outras comunidades. A escolha do deus ao mesmo tempo os separava das demais comunidades e os protegia - os imunizava - do caos, do trágico, do medo. Qual teria sido a grande invenção dessa comunidade? Como eles encontraram um comum - entre eles - e se imunizaram diante da finitude e do não sentido da vida? A fórmula sagrada que essa comunidade criou para si mesma foi a seguinte: ele é mau, logo eu sou bom. E assim, a partir do ressentimento essa comunidade encontrou uma imunidade extremamente forte. Graças a essa força, esse dispositivo de salvação comunitária atravessou vários séculos. Do antigo judaísmo ao catolicismo pré-moderno o sujeito - indivíduo - teve sempre pouquíssimo espaço. Quem poderia ser salvo era o povo, o grupo, a comunidade. Algo extremamente radical acontece a partir do século XVI. A Morte de Deus parece destronar o deus-comunidade, deus-coletivo para supor em seu lugar o homem-deus-individual. Digo supor, pois desde "As Palavras e as Coisas" sabemos que a morte de deus matou também o homem.

IV

Depois de tantas noites mal dormidas acabei cedendo ao pensamento mágico e criando um amuleto para minha filha. O filtro dos sonhos tem funcionado bem e até então, ao menos é o que me parece, sem machucar ninguém. Talvez um dia Marcela solte boas gargalhadas escutando alguém contar sobre os bizarros paradoxos de seu pai. Talvez um dia ela leia a festa do asno, em “Assim Falava Zaratustra” e encontre um riso parecido ao se deparar com o deus criado pelo mais feio dos homens. Dupla e paradoxal tarefa recebeu esse personagem: assassinar deus e inventar uma nova divindade. Certamente uma divindade engraçada, já que se trata de um asno, que a toda pergunta respondia sempre o mesmo sim - IA. Talvez Marcela ache graça no deus criado pelo papai para ajudá-la a dormir melhor nos seus seis aninhos de idade. Talvez um dia eu tenha que explicar a ela que estávamos atravessando uma terrível pandemia por conta de um vírus monstruoso e pedir desculpas por mamãe Lili e eu conversarmos na frente dela, praticamente em todas as refeições, sobre o genocídio que um outro monstro - infelizmente eleito presidente do Brasil - vinha provocando. Ou talvez ela fique curiosa e venha, lá pelos seus quinze anos, a me perguntar:

- Papai, se o deus já estava morto em 2020 como foi possível que tantas pessoas se sentissem imunizadas diante o caos?

V

Em ‘A peste e o fim dos tempos’ Fabián Ludueña Romandini afirma que um sinal incontestável no Novo Éon é a constatação evidente de que o Papa da Igreja Católica não acredita no seu deus. Visto que ele e sua hierarquia eclesiástica simplesmente temem morrer em consequência da exposição a peste. O fato incontestado do Papa temer a morte seria para o filósofo em questão prova cabal de que a imunização realizada por este deus - tão viva na experiência dos mártires e dos religiosos medievais que prestavam cuidados a população contaminada com a peste - deixara de funcionar em sua plenitude. No dia primeiro de maio, em comemoração ao dia do trabalho, um conhecido católico brasileiro, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, publicou um vídeo onde confirma a hipótese de Romandini: “o vírus que ataca a todos indistintamente mostrou que a raça humana não é imortal”.^[i] Mas ao mesmo tempo que Lula e o Papa Católico percebem a queda de suas imunidades, ansiosos blumenauenses retornam em festa ao seu adorado templo Neumarkt. ^[ii] Seria essa a festa do asno anunciada por Nietzsche? Não lembro bem se havia um saxofonista tocando Creedence na caverna de Zaratustra, mas sim é o asno quem ocupa o trono vazio. Então foi isso que aconteceu? Sem conseguir suportar a morte de deus, tal qual o mais feio dos homens, fomos obrigados a inventar um novo deus para lhe render culto? Mas esse novo deus seria capaz, tal qual o antigo, de ao mesmo tempo nos oferecer um comum e nos imunizar?

VI

Em ‘O capitalismo como religião’, Walter Benjamin sustenta que o capitalismo deveria ser compreendido como uma religião, já que estaria essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta. Para Benjamin a estrutura religiosa do capitalismo pode ser identificada a partir de três traços: a) O capitalismo é uma religião puramente cultural, possivelmente a mais extrema que temos notícia, pois nele, todas as coisas só adquirem significado numa relação imediata com o culto; o capitalismo não possui nenhuma dogmática, nenhuma teologia. É sob esse aspecto que o utilitarismo adquire sua coloração religiosa. b) O capitalismo é a celebração de um culto sem trégua e sem piedade. Para ele não existem dias normais, não há dia que não seja festivo no terrível sentido da ostentação de toda a pompa sacral, do empenho extremo do adorador. c) O capitalismo é o primeiro caso de culto não expiatório, mas culpabilizador. Nesse aspecto, tal sistema religioso é decorrente de um movimento monstruoso. Uma monstruosa consciência de culpa que não sabe como expiar lança mão do culto, não para expiar essa culpa, mas para torná-la universal, para martelá-la na consciência e, por fim e acima de tudo, envolver o próprio Deus nessa culpa, para que ele se interesse pela expiação.

[i] Para assistir a fala de Lula: <https://www.youtube.com/watch?v=nZpF3j5I5QA>

[ii] Para assistir a festa dos blumenauenses: <https://www.youtube.com/watch?v=ZVAAyho2iKO>

No ocidente o capitalismo se desenvolveu como parasita do cristianismo; de tal forma que no final das contas, sua história é essencialmente a história de seu parasita, ou seja, do capitalismo. Na época da Reforma, o cristianismo não favoreceu o surgimento do capitalismo, mas se transformou no capitalismo. Na leitura que Giorgio Agamben faz de Benjamin a fórmula seria a seguinte: Deus não morreu: transformou-se em dinheiro. Essa metamorfose divina, ao menos é o que me parece, oferece aos que buscam produzir sentido diante as crises do vírus e do verme no Brasil, algo mais específico para os problemas que estamos enfrentando. Afinal, as pessoas no site abaixo - em especial no vídeo que a página sugere - estariam cultuando a quem?

<https://www.gospelprime.com.br/comerciantes-se-ajoelham-e-clamam-diante-de-lojas-fechadas/>

VII

Talvez a pandemia do corona vírus nos ajude a compreender que para além de uma sociedade disciplinar e/ou de controle, para além de uma biopolítica, para além de um estado fascista suicidário - categorias que sim nos ajudam a pensar nosso contexto, mas que ao mesmo tempo tomamos emprestadas de uma Europa cuja realidade psico-social é bastante distinta da nossa - que para além mar há um Brasil que clama sentido. Talvez as questões mais urgentes, no caso específico do Brasil, não estejam atreladas, da forma como acontece - ou aconteceu - em países europeus, ao controle biopolítico ou ao estado suicidário, mas sim a algo que, muito provisoriamente, me arriscaria a nominar como culto colonial ou culto do colonizado. Ação de fé onde aquele que foi colonizado rende culto não ao sujeito que o colonizou, mas ao imaginário de seu colonizador[iii], ou seja, ao conjunto de imagens que produziram o colonizador[iv]. Afinal, o que pode uma análise biopolítica diante o negacionismo que alimenta manifestações pela volta ao trabalho em meio a pandemia? Há algo de religioso no Brasil, que se difere do contexto europeu e norte americano. Mas não nos enganemos, o culto que Jair Bolsonaro - o presidente Messias - rende todos os dias não passa por uma fé medieval ao deus cristão. Não se trata de uma fé inabalável, a qual mesmo após a morte de deus teria suportado todas as provações, mantendo-se intacta tal e qual fora manifestada/experenciada antes da modernidade. Este Messias e os milhares de brasileiros que o seguem rendem culto à um deus que lhes promete prosperidade individual. A relação entre imunidade e comunidade, nesse contexto, passa a ser agenciada, pelo dinheiro. Nesse sentido, me parece, é que Bolsonaro relativiza o valor da vida e nos lembra sempre a importância da economia. Importante compreender que não se trata de uma relativização exclusiva da vida humana, mas sim da vida de modo geral.[3] A vida deixa de ter um valor em si e passa a ser valorizada apenas quando está a serviço da economia. Como imagem do processo seria possível desenhar algo como: se o devoto cultuar corretamente seu deus ele terá condições de comprar sua imunidade, e assim automaticamente passará a pertencer à uma comunidade de eleitos, onde todos podem fazer o mesmo. A fórmula dessa nova religião me parece ser a seguinte: estou imune enquanto obtenho lucro. Se paro de lucrar, minha imunidade cai, corro o risco de empobrecer, ser expulso da comunidade dos eleitos e morrer. Este modo extremamente violento de buscar imunidade parece estar atrelado a uma espécie de máquina metafísica. Para além do fascismo e ou da promoção de um estado suicidário, acredito que seja este sentimento religioso que move empresários como Luciano Hang, Junior Durski, e todos os demais do instituto Brasil 200.

[iii] Sobre o inconsciente colonial capitalístico ver Esferas da Insurreição de Suely Rolnik.

[iv] Sobre a relação proposta entre processo de subjetivação e imagem ver entrevista com Anne Sauvagnargues: Somos nada mais que Imagens, disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/97503/0>[3] https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/24/album/I566645226_292535.html<https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolsonaro-marca-churrasco-para-dia-em-que-brasil-deve-chegar-10-mil-mortes-por-coronavirus-244I8927.html>

VIII

Somos crianças assustadas, aterrorizadas com a presença noturna do caos. Não é uma questão de escolha. Atualizamos um virtual disponível. São as narrativas criadas por nossos antepassados que nos oferecem abrigo. Que escolha teve Marcela quando lhe apresentei o filtro dos sonhos como proteção diante seus monstros? Nossa geração pôde escolher se desejava ou não participar da religião capitalista? Criar um novo virtual talvez seja a tarefa mais urgente. Afinal, se somos nada mais que imagens, como sugere Anne Sauvagnargues, o problema deixa de ser colocado em termos de resistência ao atual - seja ele da direita ou da traseira - ou de escolha entre as possibilidades dos possíveis que nos são oferecidos e passa a se dar em torno do possível da potência, da invenção de nossos possíveis.[v] Seria nesse sentido que algumas feministas como Starhawk e Isabelle Stengers estariam nos convidando a reativar a feitiçaria?[vi] Ou que Donna Haraway vem pensando a Fabulação Especulativa? Oras, se a força da religião capitalista reside em negar o trágico talvez possamos criar novas narrativas diante a verdade insuportável anunciada por Sileno. Fabulações que nos ajudem a suportar o caos de braços abertos. Talvez tenha chegado a hora de sonhar com um virtual, onde possamos baixar imagens para isso que somos de modo menos dependente da imunidade oferecida pela religião capitalista. Na tarde poética que passei com Marcela, abrindo trilhas para os seus sonhos, senti como se algumas dessas cores perambulassem por nossos corpos:

- Papai, será que esse filtro dos sonhos é mesmo mágico?
- Claro que sim, minha filha...
- Mas você não é índio, papai. Apenas os índios sabem fazer filtro dos sonhos de verdade.
- Lembra o que eu te contei sobre a vovó Inácia? Ela era Xokleng. Você e eu temos ancestrais indígenas...
- É, lembro....
- Esses ancestrais estão aqui, nesse exato momento, nos ajudando a construir o teu filtro dos sonhos... -

Nossa! Então ele é mesmo de verdade...

IX

Se estamos caindo, se vamos continuar caindo, se a relação com a queda é inevitável então ao invés de buscar por uma imunização, por uma estabilidade, por um freio de mão pesado e triste, não seria mais prazeroso construir milhares de paraquedas coloridos para flutuar pelo mundo contemplando o sorriso dos que caem ao nosso lado? "Por que tanto medo assim de uma queda se a gente não fez nada nas outras eras senão cair"?[vii]

[v] Sobre o debate possível da possibilidade (escolha) X possível da potência (invenção) ver Zourabichvilli, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). In: Alliez, É. (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

[vi] Uma síntese do debate que tais feministas vem desenvolvendo sobre Bruxaria/Feitiçaria pode ser encontrado nesse ensaio de Renato Sztutman: <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n69/23I6-90IX-rieb-69-00338.pdf>

[vii] Ailton Krenak: A humanidade que pensamos ser (p.62)